

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Dezembro de 2009

CRISTIANISMO E COSMOPOLITISMO NO SÉC. XVII VERSOS LATINOS CELEBRAM PIONEIRISMO DOS MISSIONÁRIOS JESUÍTAS

*Na passagem de 250 anos sobre a expulsão dos jesuítas de Portugal
(1759)*

Os anos de quinhentos e de seiscentos foram marcados por uma reformulação daquilo a que poderíamos chamar ‘consciência do universal’. Quando, na expressão do P. António Vieira, figura emblemática do séc. XVII, o ‘mundo se conheceu a si mesmo’¹, parecia chegar o ‘momento’ em que a igreja de Cristo podia, finalmente, levar à perfeição e ao cumprimento total o seu mandato. Converter tudo e todos à unidade em Cristo. Na leitura daqueles ‘sinais’ da história, em que Portugal tinha uma missão específica e fundamental, se gerou, em parte, a profecia universalista do P. António Vieira.

A Europa cristã encontra outras civilizações, mundos completamente inexplorados e desconhecidos, bem como civilizações organizadas e complexas, com outra cultura, outro saber e outras religiões. A Companhia de Jesus, associada desde as origens e na linha da frente de grande parte do pioneirismo que caracteriza esta época, completa em 1640 cem anos de existência.

Na carta *De Anno Seculari Societatis*,² Múcio Vitteleschi, o Geral da Companhia recomenda precisamente a celebração desse primeiro centenário com alguma visibilidade pública e solene, a fim de congregar mais

¹ No Sermão de Santo António pregado em Roma, na Igreja dos Portugueses, e na ocasião, em que o Marquês das Minas, Embaxador Extraordinário do Príncipe N. S. fez a Embaxada de Obediência à Santidade de Clemente X.

² *Epistolae praepositorum Generalium ad patres et fratres Societatis Iesu. Tomus Primus complectens epistolae priorum sex praep. Generalium*, editio altera, Rolarii, 1909. Cfr. p. 389. A carta data de Novembro de 1639.

eficazmente os seus membros, e de os mover à restauração do espírito primitivo da Companhia.³

Na verdade, este centenário seria uma ocasião oportuna para a mais recente Ordem Religiosa se afirmar, não só no contexto religioso mas também aos olhos do mundo. Em Portugal não houve propriamente uma publicação especificamente dedicada a esta efeméride,⁴ como houve noutras províncias da Europa, mas de um modo geral a Companhia de Jesus, que, embora muito sustentada pelo apoio da coroa portuguesa, foi desde as origens objecto de alguma polémica e suspeição, manteve uma prática editorial que divulgou amplamente a sua acção na Europa e nas missões. No ano de 1640 e nos que se seguem, são publicadas obras significativas deste ponto de vista que, embora não o explicitem, servem, para além de objectivos edificantes, propósitos apologéticos.

Publicada em 1640, a epopeia de Bartolomeu Pereira SJ, a *Paciecidos*, de que temos vindo a falar ao longo dos últimos números do Boletim, serve também aqueles propósitos apologéticos. Composta para celebrar o martírio de um grupo de jesuítas no Japão, esta epopeia acaba por celebrar de um modo geral a acção da Companhia de Jesus, e a sua publicação em 1640 não pode deixar de nos sugerir um significado comemorativo do primeiro centenário da nova Ordem. Embora o parecer mais antigo date de 1634, encontramos no texto alusões explícitas à passagem do primeiro século.

É o caso do passo que seleccionamos para este estudo. Trata-se de um excerto que provavelmente foi dos últimos a ser compostos. Eventualmente poderá ter sido sugerido pela carta do P. Geral a que acima nos referimos e, posteriormente, interpolado no poema. O excerto em causa consiste numa digressão (o que facilitou a integração na economia do poema) de carácter epidíctico que se estende em mais de cinquenta versos de louvor ao Geral da Companhia. Este era então o Padre Múcio Vitelleschi (Geral entre 1615 e 1645), o autor da carta a que acima nos referimos, datada de 1639.

³ “ut hic noster annus non absque aliquo sollemni et publico apparatu abire sineretur (...) habet hoc etiam exterior species et pompam in animum, ut illum efficacius moneat, nosque intra nos cogat(...).”

⁴ No séc. XVIII o P. António Franco, na aproximação do segundo centenário, compôs uma história da Companhia a que deu o título *Imago Primi Saecul*. Esta obra, que ficou inédita, acabaria por se perder. Cfr. Rodrigues, Francisco, *História da Companhia de Jesus*, Porto, 1931, tomo I, vol. I p. XXI.

No canto III dedicado à missão de Francisco Pacheco na clandestinidade, esta digressão segue-se aos acontecimentos que conduziram a um agravamento da perseguição e precede a entrega do cuidado da diocese ao mesmo Francisco Pacheco. Vitelleschi vela por toda a Companhia nos quatro cantos do mundo mas é o Japão que lhe inspira mais cuidados, por isso lhe confia o herói do poema: para remédio das dificuldades desta província.

A partir das colinas da cidade de Roma, o centro espiritual e, de algum modo ainda, centro político do mundo cristão, o Geral da Companhia de Jesus contempla como que numa visão mística a perseguição da igreja japonesa. Quando com a morte do Cubosama se esperava algum alívio, eis que o filho que lhe sucede afirma o seu poder superando o pai em crueldade. O ódio dos bonzos e o fogo espalham-se, os cristãos são entregues às chamas e à espada...

“Haec uidet ab Romae septena Mutius arce,
Mutius antiquae gentis romana propago.
Principe quo primum condens gens aurea seclum
Aeternum spondet lustris uoluentibus aeuum,
Nec mirum est; ueterum nam quis felicior illo
Jesuadum imperium terris extendit, et astris?”⁵

Das sete colinas de Roma, tudo isto contempla Múcio, rebento romano de uma antiga linhagem, em cujo principado, cumprindo o primeiro século (de vida), a preciosa Companhia promete no volver dos anos eterna vida. E não é de admirar: quem dos antigos com mais fortuna que ele dilatou o império dos jesuítas na terra e nos céus?

Depois de enumerar as glórias de Vitelleschi nos céus, isto é, as beatificações e canonizações com que a Companhia já conta e que foram declaradas durante o seu generalato, o poeta segue, em apóstrofe, com as glórias na terra:

“Haec astris. Nec terrae unquam te regna minorem
Accepere. Tuis uexillum Andradius heros
Extulit auspiciis, perque inuia regna Tibeti
Intrauit, caeloque urbes cum Rege subegit.

⁵ *Paciecidos...* III, 160-165.

Nec non et terrae steriles atque arua Potentis
 Infecunda olim, te nunc cultore feraces
 Promittunt messes, felix quas dextra Casellae
 Mandauit sulcis, caelestique amne Ioannes
 Irrigat, et falcem iam nunc supponit aristis.
 Te quoque Seltanum primo ductore reductum
 Vidimus, Ignatique acie, baculoque potentis
 Alfonsi, Almeidae uerbis, et robore Rasci,
 Aethiopasque, Tigresque suos, Gallasque rebelles
 Ad sacra Romani Patris mandata trahentem.
 Nec minus et Sinae te ditia regna parentem
 Agnouere. Viden, quales super aethera palmas,
 Terrarum uictor, pelagique remensor aquarum
 Palmerus referat, Sinamque attollat in astra?
 Sed qualis quantusque pias Iapponis in oras
 Vitellescus ades! Gallus, Germanus, Iberus
 Lysiadaeque, Italique omnes, cumque India, et orbis
 Cum totus sit cura tui, Iapponica numquam
 Excidit ex animo clades, semperque uideris,
 Romae inter plausus, tractas audire catenas,
 Flammarum ingentes crepitus, ictusque catannae,
 Et Fidei exitium regem furiale minantem.”⁶

“Assim é nos céus, mas os reinos da terra não receberam de vós menor [benefício]. Sob os vossos auspícios, o herói Andrade, levando o estandarte [da fé], penetrou nos ínvios reinos do Tibete e aos céus submeteu, com o próprio rei, as cidades. E estes campos e terras do Senhor, outrora estéreis e infecundos, convosco por lavrador, prometem agora abundante messe que a feliz direita de Casela semeou, que João rega com celestial torrente. Ele aproxima das suas espigas a foice. Foi também convosco por general que vimos Saltansagued reconduzido pelo exército de Inácio, o báculo do grande Afonso, a eloquência de Almeida e a força de Rasco, atraindo assim às sagradas leis do Pontífice de Roma a Etiópia, o reino do Tigre e o dos Gallas rebeldes. Até mesmo os sumptuosos reinos da China vos reconhecem como Pai. Vedes as palmas que pelos ares leva Palmeiro, o vencedor em terra e calcorreador dos mares, elevando a China aos céus? E quanto fazeis,

⁶ Cfr. III, 180-205.

Vitellesci, em favor das religiosas praias do Japão! Franceses e alemães, iberos, lusitanos, todos os italianos e orientais, de todo o mundo tendes o cuidado, mas o vosso coração não esquece a desgraça do Japão e enquanto vos vedes entre os aplausos de Roma, ouvis o arrastar das correntes, o intenso crepitar das chamas, o golpe das catanas e o rei com furor ameaçando de ruína a Fé.”

As glórias da Companhia de Jesus na terra são tão notáveis como nos céus. O poeta começa por celebrar o feito notável do novo descobrimento do Tibete, reino que a Europa conhecia de nome e de que tinha notícias esparsas, algumas das quais referiam a existência de cristãos naquelas paragens. Depois de outras tentativas frustradas de chegar àqueles lugares inóspitos foi o P. António Andrade que o alcançou no ano de 1624. Na missão então fundada por ele trabalharam depois outros missionários, entre os quais se encontram nomes referidos no mesmo passo: os P. Estêvão Casela que morreu em 1630 e João Cabral que o sucedeu.

Sobre a proeza da chegada ao Tibete publicou-se uma carta Ânua em 1626, o ano em que, em Nagasaki, Francisco Pacheco e os companheiros (objecto da narrativa épica) eram queimados vivos. O impacto do acontecimento foi grande, a avaliar pelas múltiplas publicações nos anos subsequentes. A carta sobre o *Novo descobrimento do Tibet...*, publicada em português no ano de 1626, foi publicada em castelhano em Madrid no mesmo ano; no ano seguinte, em italiano, em Roma; em francês, em 1627 e de novo em 1628; neste mesmo ano em polaco, e em 1631 em flamengo. No século XVIII e XIX há outras edições e no séc. XX a Academia de Ciências editou-a juntamente com outras cartas relativas ao mesmo assunto (1921), edição que foi mais recentemente facsimilada em 2005 na colecção *Imperitura* da Alcalá.⁷ Da leitura destas cartas transparece, para além do zelo do missionário, o espírito de aventura e a curiosidade do atento observador, preocupado também em mostrar e dar a conhecer ao mundo o novo mundo a que chegara.

⁷ Sobre todas estas edições e sobre as cartas veja-se o estudo histórico de Francisco Pereira que acompanha a edição da Academia das Ciências de Lisboa: *O Descobrimto do Tibet pelo P. António Andrade da Companhia de Jesus, em 1624, narrado em duas cartas do mesmo religioso*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921. Edição fac-simile da colecção *Imperitura* das Edições Alcalá, Lisboa, 2005.

Quando Bartolomeu Pereira publicava a sua epopeia em 1640, era bem viva na Companhia a consciência de que participava com os seus missonários numa obra de grande dimensão que ligava na terra pontos muito diferentes e distantes, fazendo do mundo uma grande cidade cristã, onde progressivamente os homens, de várias origens, se acolhiam no reconhecimento de uma filiação comum e construía na terra o Reino de Deus (que o P. Vieira veria prestes a cumprir na sua leitura da história).

Mas a unidade deste ‘reino’ que progressivamente se ia conhecendo a si próprio não crescia apenas com os novos mundos (re)descobertos, crescia também da recondução daqueles que há muito desligados de Roma voltavam a unir-se à igreja católica. Assim, o poeta celebra também os esforços da Companhia de Jesus em relação à Etiópia. A igreja de Abissínia, de tradição monofisista, teve neste período um momento de comunhão com Roma. Os missionários jesuítas (entre eles o P. Pais) enviados à Etiópia fizeram conversões em massa e o próprio imperador Saltansagued (Saltano) renunciou à poligamia e converteu-se ao catolicismo. Ras Cella (Rasco), irmão do imperador, também se converteu, e os povos do Tigre (província do norte da Etiópia) e os Gallas (do centro e sul da Etiópia) aderiram àquela união.⁸ Em 1625, a pedido do imperador, a Etiópia recebeu um patriarca de Roma, o jesuíta português Afonso Mendes, a quem foi nomeado como coadjutor e sucessor o P. Apolinário de Almeida. Em 1626 o catolicismo foi declarado religião oficial, mas em 1632 a união chegou ao fim com o herdeiro de Saltansagued. Os jesuítas foram expulsos. Os esforços continuavam, por isso o poeta evoca esta conquista da Companhia: a, ainda que fugaz, união da igreja de Abissínia à de Roma.⁹ De resto, ele coloca-se num plano cronológico contemporâneo dos acontecimentos narrados no poema, recorrendo por vezes a visões místicas e profecias para referir

⁸ Sobre estas conversões pode ler-se na *Historia geral de Ethiopia a Alta, ov Preste loam e do que nella obraram os Padres da Companhia de Jesus / Composta na mesma Ethipoia, pelo padre Manoel d’Almeyda ... ; Abreviada com nova releçam, e methodo, pelo padre Balthazar Tellez*, Coimbra, 1660. Desta obra de raro valor existe nova edição dirigida por Luís Albuquerque, com transcrição para português actual por Maria da Graça Pericão, Lisboa, Alfa, 1989.

⁹ Veja-se sobre a matéria o artigo “Ethiopian (or Abyssinian) Church”, *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, ed. F. L. Cross, 2ª ed. Revised F.L. Cross, E.A. Livingstone, 1989, pp. 474-475.

acontecimentos passados (para o leitor) que em relação às personagens são acontecimentos futuros.

O Padre André Palmeiro, a que o poeta também faz referência, foi visitador da Província do Japão e da vice-província da China entre os anos de 1626 e 1635, precisamente os anos entre o martírio de Francisco Pacheco e a conclusão do poema de Bartolomeu Pereira. Na referência ao visitador, o poeta faz do seu nome um nome falante. Palmeiro carrega as palmas, signo não só da vitória e do triunfo mas também, e sobretudo neste contexto, signo iconográfico do martírio. Deste modo alude às vitórias conquistadas para a China nos céus, isto é, aos seus inúmeros mártires.

Embora constitua formalmente uma digressão em louvor do Padre Geral da Companhia, este passo é claramente uma afirmação do prestígio da Companhia de Jesus quando ela transpõe o seu primeiro centenário. Da sua leitura não podemos deixar de notar o registo do tom épico marcado por um certo triunfalismo.

Ordem religiosa de dimensão supranacional, a Companhia tem clara consciência dessa dimensão, o que contribuiu certamente para alargar o seu cosmopolitismo. Ao nível europeu a Companhia experimenta a diversidade das várias províncias religiosas, filiadas numa unidade que neste excerto se representa no cuidado ‘paternal’ do Padre Geral, simbolicamente colocado em Roma. Mas para lá da velha Europa, a Companhia conhece e valoriza uma diversidade muito mais profunda, que o mundo europeu conhece, em parte, graças ao zelo e ao pioneirismo dos seus missionários. A experiência desta diversidade no Oriente, e a sua valorização, registariam ao longo do séc. XVII uma expressão significativa de cosmopolitismo com os métodos missionários que os jesuítas assumiram na evangelização de culturas que não aceitavam facilmente um cristianismo europeu, métodos que viriam a custar à Companhia a célebre e polémica questão dos ritos chineses, depois proibidos em 1707.

CARLOTA MIRANDA URBANO